

Os livros deuterocanônicos não alegam ser inspirados?

Objeção:

“Nunca um livro deuterocanônicos alegou ser inspirado. Portanto, eles não podem fazer parte do cânon sagrado das Escrituras.”

Resposta: Cada texto inspirado deve reivindicar inspiração? Uma leitura rápida dos livros que os protestantes aceitam do Antigo e Novo Testamento revela que apenas alguns textos fazem isso. Na verdade, a maioria desses livros não mostra qualquer indício de que eles foram escritos sob a influência do Espírito Santo. A alegação de inspiração, portanto, não é um pré-requisito essencial para a inspiração. Caso contrário, a maioria dos livros em nossa Bíblia seria rejeitada.

E aqueles livros que alegam ser inspirados? A alegação de inspiração não significa que um documento é inspirado. Tanto o Corão muçulmano e o Livro dos Mórmons alegam ser inspirados. Então será que os cristãos devem considerá-los inspirado? É o Livro de Baruc (que muitos cristãos primitivos acreditavam ser parte do Livro de Jeremias) realmente menos provável de ser Escrituras do que o Livro dos Mórmons por causa da alegação de inspiração? Se levarmos essa objeção a sério, somos forçados a admitir isso.

Ninguém pode cogitar seriamente esta objeção como um teste legítimo para canonicidade. Pelo contrário, é normalmente usado como argumento para concertar outras objeções mais dignas. A objeção de “alegação de inspiração” é mais uma insinuação do que um argumento. Isso faz católicos e ortodoxos olharem como se eles estivessem reivindicando algo mais para esses livros do que esses livros fazer para si mesmos. O que é verdade, mas o mesmo pode ser dito para a maioria dos protocanônicos! De fato, se formos olhar para os números, os deuterocanônicos (sem sua alegação de inspiração) se riam mais inspirados do que os livros protocanônicos cuja maioria dos livros não alegam inspiração.

O opositor, porém, erra ao afirmar que todo o deuterocanônico não alega ser inspirado. O livro do Siraque (também chamado Eclesiástico) faz essa alegação. Ambos os estudiosos católicos e protestantes apontam que pelo menos em dois lugares, Siraque indica que seu livro contém a sabedoria do Senhor e que ele tem um lugar entre os outros livros da Escritura. O prólogo do livro parece acreditar que Siraque ganhou uma ampla gama de aceitação entre os judeus. Outro lugar em Siraque faz uma afirmação semelhante, como a W.O.E Oesterley estudioso protestante afirma:

“...Ben-Sira reconhece reconheceu seu livro como Escritura é claro por suas palavras: ‘E eu fui o último que despertei, e fiz como o que junta os grãos depois da vindima. Eu também esperei na bênção de Deus, e enchi a tina como o vindimador. Olhai que não trabalhei só para mim, mas para todos os que buscam a doutrina. Ouvi-me, ó poderosos e todos os povos! E vós, chefes da assembleia, escutai-me!’” (Eclesiástico 33, 16-19)¹

¹ W. O. E. Oesterley, An Introduction to the Books of the Apocrypha (London: SPCK, 1958), 121.

Se Oesterley e outros estão corretos, Eclesiástico se reconhece como inspirado e então essa objeção falha ao excluir o livro do cânon.

Objeção:

“I Macabeus explicitamente nega, pelo menos em 2 lugares, que um profeta não existia durante seu tempo

“... e tomaram a excelente resolução de demoli-lo, para que não recaísse sobre eles o opróbrio vindo da mancha dos gentios. Destruíram-no, portanto, e transportaram suas pedras a um lugar conveniente sobre a montanha do templo, aguardando a decisão de algum profeta a esse respeito.” (I Macabeus 4, 45-46)

“A opressão que caiu sobre Israel foi tal, que não houve igual desde o dia em que tinham desaparecido os profetas.” (I Macabeus 9, 27).

Se não havia profetas, então estes livros não podem ser proféticos. Portanto, os deuterocanônicos não podem ser incluídos no cânon das Escrituras.”

Resposta: Se você olhar atentamente para as duas passagens citadas acima, você vai ver que o objetor está lendo a sua própria interpretação no lugar dos textos. I Macabeus 4, 45-46 não diz que ele foi composto durante um período nenhum profeta em Israel, ao contrário, apenas registra que os Macabeus queriam esperar até que um profeta dissesse-lhes o que fazer com as pedras do Templo. Não há nada neste texto que sugerem que Israel não tinha mais nenhum profeta, só que não havia um profeta disponível no momento em que o altar foi derrubado. Como o exegeta protestante Rudolf Meyers ressalta:

“Sobre a restauração do templo por Judas Macabeu as pedras do altar profanado foram guardadas para serem usadas somente quando um profeta se levantasse para fazer a intimação necessária. Este é geralmente considerado como um sinal de que não havia nenhuma profecia na época, mas esse entendimento não é totalmente correto. A exposição deve, antes, assumir que o autor considera aparentemente a existência de um profeta como possível (II Mac. 10, 1 ss). Em termos desta atitude religiosa básica I Macabeus concorda com Siraque e seu neto. Não se precisa ter nenhuma surpresa que essas opiniões eram possíveis no momento em que a neo-profecia já estava emergindo pseudepigraficamente, para as diferentes perspectivas não se anulam, mas existiam juntos por um longo tempo. A teoria de que não havia profecia presente, como veremos mais adiante (-> 982), não prevaleceu até o período pós-apostólico”.²

O mesmo pode ser dito de I Macabeus 9, 27. Será que este texto realmente diz que toda a profecia cessou em Israel pouco antes de Macabeus? O significado de “desde o dia em que tinham desaparecido os profetas.” é menor do que o definido. Ele não nos diz quando os profetas cessaram nem indica que esta era uma condição temporária ou se esta era uma

² R. Meyers, “&□◆❖□◆,” - “Supplement on the Canon and the Apocrypha,” TDNT, 3.980, FN 64

condição constante que se estendeu a partir desse momento, até o tempo dos Macabeus. Em outras palavras, esta referência é tão geral que realmente nada específico pode ser desenhado a partir dela.

O pressuposto por trás dessa objeção é que de alguma forma a história sagrada pára e Deus deixa de revelar-se ao seu povo, sempre que um profeta ungido não está vivo em Israel. Essa noção não é obviamente verdadeira. Sabemos que nos livros protocanônicos vários textos inspirados foram escritos sobre os eventos durante os quais não houve profetas em Israel. Por exemplo, Asafe escreve no Salmo 74, 8-9 *“Disseram em seus corações: Destruamo-los todos juntos; incendiai todos os lugares santos da terra. Não vemos mais nossos emblemas, **já não há nenhum profeta** e ninguém entre nós que saiba até quando...”*.

Da mesma forma, o escritor de Lamentações fala de uma época em que havia profetas, mas nenhuma revelação: *“Tet. Jazem sob escombros as suas portas que ele quebrou, partindo as traves. Aham-se no estrangeiro seu rei e príncipes. **Não há mais oráculos. Mesmo os profetas não mais recebem as visões do Senhor**”*. (Lamentações 2, 9) O mesmo argumento poderia até ser feito a partir da Epístola do Novo Testamento de Judas quando ele escreve:

“senti a necessidade de dirigir-vos esta carta para exortar-vos a pelejar pela fé, confiada de uma vez para sempre aos santos.” (Judas 3).

Jude não está a rebaixar a fé em sua carta? Seguindo a lógica do nosso opositor, Judas não poderia ser Escritura inspirada uma vez que ele afirma que a fé já foi transmitida para as pessoas. Sabemos que Deus pode revelar conhecimento “profético” ao seu povo através de seus oficiais ungidos diferentes de profetas. Por exemplo, no Evangelho de João, o sumo sacerdote disse ter proferido uma profecia sobre o Messias:

“Um deles, chamado Caifás, que era o sumo sacerdote daquele ano, disse-lhes: ‘Vós não entendeis nada! Nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não pereça toda a nação.’ E ele não disse isso por si mesmo, mas, como era o sumo sacerdote daquele ano, profetizava que Jesus havia de morrer pela nação, e não somente pela nação, mas também para que fossem reconduzidos à unidade os filhos de Deus dispersos.” (João 11, 49-52)

Aqui temos um exemplo de um oficial ungido, além de um profeta, dando revelação pública para o povo de Israel. Sendo escrito no Evangelho de João válida ainda mais esta profecia de Caifás. Portanto, mesmo se não houvesse profetas ungidos em Israel durante um determinado período, isso não significa, *ipso facto*, de que Deus não dá a revelação pública que venha a ser incluída nas Escrituras. Vamos pegar esse argumento novamente em mais detalhes mais tarde, quando nos dirigimos a ideia de que apenas os profetas podem escrever escritos inspirados ou proféticos.

© 2004 por Gary Michuta. Todos os direitos reservados. Este material possui direitos autorais. Nenhuma cópia, distribuição ou reprodução (eletrônico ou não) é permitida sem a autorização expressa do proprietário dos direitos autorais.